

A preservação e a disseminação da história e cultura africana e afro-brasileira a partir do colecionismo nas unidades de informação no Brasil

Graziela dos Santos Lima

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências
Departamento de Ciência da Informação, Marília, SP, Brasil
graziela.lima@unesp.br

Cláudia Pereira de Jesus Carvalho

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências
Departamento de Ciência da Informação, Marília, SP, Brasil
claudia.pjc@yahoo.com

Carlos Cândido de Almeida

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências
Departamento de Ciência da Informação, Marília, SP, Brasil
carlos.c.almeida@unesp.br

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v13.n1.2020.29498>

Recebido/Recibido/Received: 2020-01-02

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2020-02-04

ARTIGOS

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar a presença das coleções (de objetos e bibliográficas) que representem a história dos negros e as tradições culturais africanas no Brasil. Os objetivos específicos consistem em discorrer sobre o colecionismo; discutir a preservação da memória e cultura africana e afro-brasileira, além de destacar as principais unidades de informação com coleções que representam a cultura africana e afro-brasileira. Considera-se que a disseminação da memória africana e afro-brasileira é potencializada por essas coleções, pois colecionar artefatos e documentos que retratam a história e a cultura negra representa um ato de resistência e evidência das práticas culturais das populações negras. Tem uma abordagem teórico-bibliográfica, com propósito crítico e reflexivo pautado nas teorias do colecionismo e da memória. Foram identificadas dentro do contexto brasileiro por meio de mapeamentos as principais unidades de informações especializadas, a preservação em diversas tipologias de coleções que contribuem para conservação e fortalecimento da memória, história, cultura e identidade dos africanos e afro-brasileiros. Estas unidades colecionadoras podem ser assim classificadas: Centros de Estudos Africanos (6 instituições), Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (139 instituições) e Museus afros (36 instituições), entre organizações públicas e privadas. Essas coleções são formadas por objetos informacionais que identificam períodos históricos, registrando um passado, o qual é recordado por meio da memória, intensificada pelos objetos, cujos significados, via representações, se fazem presentes na mente do indivíduo e dão sentido à experiência. Areladas às informações orais, as coleções representam valiosas fontes de informação e conhecimento. Portanto, os registros como relatos, inventários, objetos museológicos funcionam como informações primárias para desvendar e representar histórias e culturas passadas preservando a memória das populações de origem africana no Brasil. Para as futuras pesquisas é importante selecionar um museu privado para identificação dos objetos, reconstituição de sua origem e os significados tanto para o museu quanto para a comunidade ao seu redor.

Palavras-chave: memória. colecionismo. cultura afro-brasileira. identidade afro-brasileira. Ciência da informação.

The preservation and dissemination of African and Afro-Brazilian history and culture based on collecting in information units in Brazil

Abstract This research aims to identify the presence of collections (of objects and bibliographic) that represent the history of blacks and African cultural traditions in Brazil. The specific objectives are to talk about collecting; discuss the preservation of African and Afro-Brazilian memory and culture and highlight the main information units with collections representing African and Afro-Brazilian culture. The dissemination of African and Afro-Brazilian memory is potentiated by these collections, since collecting artifacts and documents that portray black history and culture represents an act of resistance and evidence of the cultural practices of black populations. It has a theoretical and bibliographical approach, with critical and reflexive purpose based on the theories of collecting and memory. Within the Brazilian context, the main units of specialized information, the preservation in various types of collections that contribute to the conservation and strengthening of the memory, history, culture and identity of Africans and Afro-Brazilians were identified through mappings. These collector units can be classified as follows: African Study Centers (6 institutions), Afro-Brazilian Study Centers (139 institutions) and Afros Museums (36 institutions), between public and private organizations. These collections are formed by informational objects that identify historical periods, recording a past, which is remembered through memory, intensified by objects, whose meanings, through representations, are present in the individual's mind and give meaning to the experience. Linked to oral information, collections represent valuable sources of information and knowledge. Therefore, records such as reports, inventories, museum objects function as primary information to unravel and represent past histories and cultures preserving the memory of populations of African origin in Brazil. For future research it is important to select a private museum to identify objects, reconstitute their origins and meanings for both the museum and the surrounding community.

Keywords: memory. collecting. Afro-Brazilian culture. Afro-Brazilian identity. Information Science.

La preservación y difusión de la historia y cultura africana y afrobrasileña basada en la colección de información en las unidades de Brasil.

Resumen: El objetivo general de la investigación es identificar la presencia de colecciones (de objetos y bibliografías) que representan la historia de los negros y las tradiciones culturales africanas en Brasil. Los objetivos específicos son hablar sobre coleccionar; discuta la preservación de la memoria y la cultura africana y afrobrasileña, además de destacar las principales unidades de información con colecciones que representan la cultura africana y afrobrasileña. Se considera que la difusión de la memoria africana y afrobrasileña se ve reforzada por estas colecciones, ya que la recopilación de artefactos y documentos que retratan la historia y la cultura negras representa un acto de resistencia y evidencia de las prácticas culturales de las poblaciones negras. Tiene un enfoque teórico-bibliográfico, con un propósito crítico y reflexivo basado en las teorías del coleccionismo y la memoria. Las principales unidades de información especializada se identificaron dentro del contexto brasileño mediante el mapeo, la preservación en diferentes tipos de colecciones que contribuyen a la conservación y el fortalecimiento de la memoria, historia, cultura e identidad de africanos y afrobrasileños. Estas unidades de recolección se pueden clasificar de la siguiente manera: Centros de Estudios Africanos (6 instituciones), Centros de Estudios Afrobrasileños (139 instituciones) y Museos Africanos (36 instituciones), entre organizaciones públicas y privadas. Estas colecciones están formadas por objetos informativos que identifican períodos históricos, registrando un pasado, que se recuerda a través de la memoria, intensificado por objetos, cuyos significados, a través de representaciones, están presentes en la mente del individuo y le dan sentido a la experiencia. Vinculadas a la información oral, las colecciones representan valiosas fuentes de información y conocimiento. Entonces, los registros como informes, inventarios, objetos de museo funcionan como información primaria para desentrañar y representar historias y culturas pasadas al tiempo que preservan la memoria de las poblaciones de origen africano en Brasil. Para futuras investigaciones, es importante seleccionar un museo privado para identificar los objetos, reconstruir su origen y significado tanto para el museo como para la comunidad que lo rodea.

Palavras-chaves: memoria. coleccionar. cultura afrobrasileña. identidad afrobrasileña. Ciencia de la información.

1 Introdução

As práticas colecionistas existem desde os primórdios da humanidade, sendo resultado do desejo de selecionar e guardar coisas. As coleções relacionam-se ainda com outras características naturais da humanidade, como classificar, nomear, atribuir significados, funções às coisas, pessoas e lugares.

A pesquisa tem como objetivo geral identificar a presença das coleções (de objetos e bibliografias) que representem a história da população negra e as tradições culturais africanas no Brasil. Os objetivos específicos consistem em discorrer sobre o colecionismo; discutir a preservação da memória e cultura africana e afro-brasileira, além de destacar as principais unidades de informação com coleções que representam a cultura africana e afro-brasileira.

Considera-se que a disseminação da memória africana e afro-brasileira é potencializada por essas coleções, pois colecionar artefatos e documentos que retratam a história e a cultura negra representa um ato de resistência e evidência das práticas culturais das populações negras. O texto possui uma abordagem teórico-bibliográfica, com propósito crítico e reflexivo pautado nas teorias do colecionismo e da memória relacionada à história e cultura africana e afro-brasileira.

Isto posto, as coleções de uma maneira geral são formadas por objetos informacionais que identificam períodos históricos, registrando um passado, o qual é recordado por meio da memória, intensificada pelos objetos, cujos significados, via representações, se fazem presentes na mente do indivíduo e dão sentido à experiência. Atreladas às informações orais, as coleções representam valiosas fontes de informação e conhecimento. Portanto, consideramos importante e necessário detectar e discutir a presença (ou ausência) de coleções (tanto de objetos quanto bibliográficas) que representem a história dos negros no país, as tradições culturais africanas e sobre a importância da preservação e disseminação dessas coleções.

2 Colecionismo

O colecionismo surge de uma característica natural do ser humano que é classificar, nomear, atribuir significados, funções às coisas, pessoas e lugares. Em sua etimologia, a palavra coleção deriva do latim *collectio + onis*, que é compilação, coletânea, reunião (BUENO, 1974). Entretanto, a despeito do que elementarmente possa parecer, coleções não são apenas o mero acúmulo de objetos, como pode ser visto pelo senso comum, é possível análises mais profundas sob diferentes perspectivas, como social, cultural, psicológica, econômica, semântica. O universo semântico contido numa coleção pode ser muito rico, pois para o colecionador “a coleção não é um mero amontoado de objetos iguais, mas cada um

conta uma história e possui um significado próprio por si” (OLIVEIRA; HOLANDA; MACIEL, 2016, p. 36).

O geólogo Menegat (2005, p. 5) defende que a sobrevivência e evolução humana está relacionada ao colecionismo, afirmando que “poucas atividades cognitivas humanas têm a transversalidade e duração do colecionismo”. No entanto, o ato de selecionar coisas e estabelecer significados para elas tem origem desde a pré-história e é um processo que constitui a evolução da espécie humana.

Coletar, selecionar, definir diferenças e semelhanças, agrupar, traçar tentativas de explicação, são coisas que todas as pessoas fazem, ainda que sem consciência do fato, “todos seres humanos de alguma forma colecionam coisas, afetos e memórias” (MENEGAT, 2005, p. 6). Algumas coleções servem para explicar o passado, pois são uma reconstituição de parte dele, nos apresentam fragmentos de como eram as coisas, lugares, animais, plantas. Estudando as coleções de um dado momento histórico, é possível entender melhor certos fenômenos.

O *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística* (ARQUIVO NACIONAL, 2005) estabelece coleção como conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente e colecionador como entidade coletiva, pessoa ou família responsável pela formação de uma coleção. Definições essas que coadunam com o conceito de Homulos (1990) que vê bibliotecas, arquivos e museus como instituições colecionadoras.

Pomian (1984, p. 53) traça um limite bem peculiar de coleção, citado na grande maioria dos estudos sobre colecionismo; o historiador e filósofo entende coleção como “qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao público”. Esses locais, no âmbito institucional, costumam ser museus, arquivos e bibliotecas, possuindo cada um suas coleções características, apesar de apresentarem diversos pontos e objetos em comum. Assim, essas instituições teriam o que Pomian denomina de “coleção de coleções”, reunindo diversos tipos de coleções em um mesmo espaço.

Valis (2013, p. 561) argumenta que “Os objetos são parte do que nos confere humanidade. Um mundo sem objetos é um mundo sem seres humanos”. Assim, a humanidade foi, ao longo do tempo, cercado-se de objetos, precisamos deles para nos relacionar com o mundo e com as outras pessoas, eles são muitas vezes mediadores, nos ajudam, nos protegem e nos completam.

Baudrillard (2004) define duas possibilidades de classificação de um objeto: como instrumento e como signo, e embora essas duas funções sejam antagônicas, não são

mutuamente excludentes. Assim, existem duas incumbências para o objeto: ser utilizado e ser possuído, ou seja, um papel material e outro simbólico. O objeto funcional denota uma categoria social, pode relacionar-se a qualquer indivíduo. O objeto simbólico denota uma categoria privativa, relaciona-se a somente uma pessoa. E somente o último pode se tornar objeto de coleção.

Renault (2015, p. 13) afirma que “a formação de coleções na sociedade reúne um amplo aspecto de coisas e contextos que vão desde a curiosidade científica até aspectos estéticos, religiosos e até mesmo funcionais.”.

Para Fonseca (2005, p. 183) colecionar “[...] é, em última análise, uma tentativa de, em termos inconscientes, re-tomar, re-utilizar, re-viver, re-ver, re-memorar, ressignificar e mesmo re-criar épocas, objetos e os afetos a eles ligados”. A humanidade imputou funções e significados às coisas físicas com as quais se deparou ao longo do tempo, algumas encontradas na própria natureza, outras criados pelos próprios homens.

Azevedo (2015, p. 18) declara que as coleções são uma forma de recuperar o passado: “A guarda dos objetos remete a fatos e acontecimentos relevantes para a sociedade, por exemplo, a guarda de despojos de guerra, ou mesmo a guarda de fotografias de família, e objetos que retomem sentimentos vividos anteriormente”. Assim sendo, com a coleção têm-se uma possibilidade de reviver, ainda que de forma simbólica, episódios que marcaram a vida de uma pessoa ou de uma coletividade. Portanto, ao passo que coleções pessoais ecoam lembranças individuais, coleções institucionais ecoam a memória coletiva.

3 Memória e cultura africana e afro-brasileira

Os processos de formação de coleções se vinculam ao desejo de preservar memórias, que são lembranças/recordações de algo ocorrido no passado e que são expressa de forma fragmentada ou não no presente, de levar ao futuro pedaços representativos que permitirão reconstituir um contexto a partir de diferentes perspectivas. Dentro de um mesmo período histórico, diferentes coleções compostas por objetos semelhantes, contarão diferentes narrativas, pois foram construídas por pessoas ou instituições com propósitos e perspectivas diferentes.

Pedrao e Bizello (2016) argumentam que a história e a memória de uma sociedade podem ser reconstituídas através das coleções. Nesse sentido, a relação coleção/coleccionador é permeada por fatores sentimentais e memoriais, completamente pessoais e subjetivos, porém, há a possibilidade das coleções comportarem também memória social, com valor representativo não só para o colecionador, mas para a sociedade; conforme apontam Pedrao e Bizello (2016, p. 830), a memória de uma coleção “pode se tratar de uma memória histórica e

cultural, não se limitando apenas ao colecionador. Ela pode se estender a uma população local ou até maior dependendo das proporções da coleção e de quanto ela é divulgada”. Por essas e outras razões, muitas coleções particulares acabam sendo incorporadas às unidades informacionais como bibliotecas, arquivos e museus.

Muitas das memórias que persistiram ao longo do tempo sobre a história e cultura africana e afro-brasileira é resultado de fontes primárias armazenadas em arquivos, cúrias metropolitanas, museus, centros e núcleos de estudos africanos e afro-brasileiros que registram e atestam que as populações de origem africana foram participantes ativos no desenvolvimento do Brasil. Além dos registros, tais como documentos relacionados a processos criminais e de liberdade, censos, relatórios de chefes de polícia, inventários, registros paroquiais, cartas de alforrias, cartas de viajantes, objetos fósseis, objetos cerâmicos entre outros, bem como relatos orais serviram para reconstrução da história e memória dos africanos e afro-brasileiros que deixaram vestígios na sociedade brasileira.

Muitas das histórias contadas sobre os africanos e seus descendentes de forma fragmentada para atingir um esquecimento, ou apagamento histórico resultam de um investimento político em torno do branqueamento da nação de modo a retirar as “marcas da presença africana” (CARDOSO, 2008, p. 20) na sociedade brasileira. Essas histórias, moldadas por um pensamento europeu oriundo da modernidade, baseada na ordem linguística de ver e pensar o mundo, possibilitou em criação de uma história na qual sub-representa a população negra. Essa ordem linguística também influenciou na organização dos objetos informacionais nas unidades de informação, em especial, as que tratam da temática citada.

Segundo Cardoso (2008) existiu na década de 1990 dois movimentos intelectuais que por meio de suas obras baseada em críticas do mundo ocidental que possibilita repensar práticas do conhecimento humanístico. O primeiro, formado por intelectuais que por meio das lutas anti-coloniais nos países periféricos, bem como, das minorias políticas marginalizadas nos países centrais, procuraram repensar “maneiras pela qual a cultura ocidental buscou apreender a diversidade humana e, ao mesmo tempo, foi se instituindo como referencial absoluto para pensar as ‘outras’ culturas” (CARDOSO, 2008, p. 24). Esses pesquisadores que evidenciam outras culturas são pesquisadores teóricos dos pós-colonial, decolonial e estudos subalternos tais como Stuart Hall (1997), Homi Bhabha (1999), Edward Said (2007), Achille Mbembe (2018), Grada Kilomba (2019), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Maria Paula Meneses (2010), Anibal Quijano (2010), Ramon Grosfoguel (2005), Boaventura de Souza Santos (2010), Nelson Maldonado-Torres (2005), entre outros, que sinalizam a ordem discursiva construídas no século XIX. Nesse sentido, esses pesquisadores têm desconstruídos narrativas colonizadas e evidenciando outros vieses, a partir do sul global.

O segundo movimento de intelectuais surgiu de movimentos políticos, como o movimento negro. Muitos historiadores e muitas historiadoras sociais revisitaram velhos temas reconstruíram a história e cultura africana e afro-brasileira “produziram documentos que tornaram possível, não apenas incluir na historiografia brasileira a perspectiva dos excluídos, como distanciar a produção histórica dos projetos institucionais das elites brasileiras” (CARDOSO, 2008, p. 25) tendo um olhar sociocultural.

As unidades de informação possuem coleções de diversos objetos que estão baseadas em uma ordem discursiva. A forma de organizar os objetos que dá vazão a presença e ausência legitimam certas narrativas. Ultimamente, nas unidades de informações em instituições públicas tem-se verificado uma organização colonizada da memória e histórias da população negra, o que Ogbechie (2014) chama de unidades de informações¹ ocidentais.

As unidades de informações ocidentais de origem colonialista, universaliza os objetos na concepção ocidental e marginaliza os modos de colecionar de outras culturas (OGBECHIE, 2014). Baseado em Foucault, Ogbechie (2014) relata que o modo de classificar insinua a relação entre as unidades de informação e os objetos. E também a forma como é organizado afeta e modela a maneira que o público vê e consome as informações. Portanto, a organização via classificação de objetos em unidade de informação é uma prática discursiva (FOUCAULT, 1973), pois evidencia um determinado discurso embutidos nas práticas de representar e organizar as coleções.

O discurso dos objetos, ou as narrativas possíveis de serem materializadas ou representadas são fragmentos da memória (MENDES, 2014), ou seja, memória seletiva e quando esta participa de uma coleção, o colecionador tem o poder de selecionar o que quer ou não lembrar a partir desses objetos. Dessa forma, as coleções de materiais, ou objetos que remetem à memória e à história das populações de origem africanas no país é uma forma de estabelecer sua importância, testemunho do tempo e da história e acontecimento e ao mesmo tempo a sua invisibilidade, dependendo da instituição que a organiza.

4 Coleções afro-brasileiras em unidades informacionais

Após comentar os conceitos de coleções, memória, representação e cultura africana, nesta seção será apresentado um levantamento sobre a presença de coleções afro-brasileiras detectadas em Centros de Estudos Africanos, Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Museus, considerando unidades físicas e digitais.

¹A autora, em sua pesquisa, não utiliza o termo unidades informacionais, pois a pesquisa dela se refere a uma das unidades informacionais, o museu.

Foram identificadas por meio de mapeamentos as principais unidades de informações especializadas, dentro do contexto brasileiro que preservam por meio de diversas tipologias de coleções e contribuem para conservação e fortalecimento da memória, história, cultura e identidade dos africanos e afro-brasileiros, como segue: Centros de Estudos Africanos: 6, Núcleos de Estudos Afro-brasileiros: 139 e Museus afros: 36, entre instituições públicas e privadas, conforme os quadros abaixo.

Quadro 1. Centros de Estudos Africanos

Centro de Estudos Africanos	Instituições	Região
Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO)	Universidade Federal da Bahia	Nordeste
Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA)	Universidade Cândido Mendes (UCAM)	Sudeste
Centro de Estudos Africanos no Brasil (CEA)	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).	Sudeste
Centro de Estudos Africanos no Brasil	UFMG	Sudeste
Laboratório de Estudos Africanos (LeÁfrica)	IFCS-UFRJ	Sudeste
Centro Brasileiro de Estudos Africanos (CEBRAFICA)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Sul

Fonte: elaborado pelos autores

Quadro 2. NEABs

NEABS e núcleos correlatos	Instituição	Região
N'UMBUNTU - Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-Raciais, Movimentos Sociais e Educação	Universidade Federal do Sul e sudeste do Pará	Norte= 15
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFRO	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia	
GERA - Núcleo de Estudos e pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais	Universidade Federal do Pará	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Instituto Federal do Acre	
NEAB/UNIFAP - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro	Universidade Federal do Amapá	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Belém	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros	Universidade Federal do Tocantins	
NEABI - Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiras e Indígenas	Universidade Federal do Amazonas	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros	Universidade do Estado do Amazonas	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR/Campus Boa Vista Centro	
GEABI - Grupo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – UFPA	Universidade Federal do Pará	
Grupo de Estudos Afro amazônico – GEAM	Universidade Federal do Pará Campus de Belém	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Universidade Estadual do Pará	
Grupo de Estudo e Pesquisa em Gênero, Juventude e Etnicidade/Ubuntu	IFTO - Instituto Federal do Tocantins	
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas	Universidade Federal do Acre - UFAC	
NEABI - Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas	Universidade Federal da Paraíba	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros	Universidade Federal de Alagoas	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Índio descendentes	Instituto Federal do Maranhão	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros	Universidade Federal do Maranhão	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros	Universidade Federal do Sul da Bahia	
CEPAIA - Centro de Estudos dos Povos Afro-Índio-Americano	Universidade do Estado da Bahia	
IFARADÁ - Núcleo de Pesquisa sobre Africanidades e Afrodescendência	Universidade Federal do Piauí	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros	Universidade Federal de Pernambuco	
Núcleo de Estudos Africanos e Indígenas	Universidade Estadual da Região	

	Tocantina do Maranhão	Nordeste=32
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Universidade Federal Rural de Pernambuco	
NACE - Núcleo das Africanidades Cearenses	Universidade Federal do Ceará	
ODEERE - Órgão de Educação das Relações Étnicas	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro Brasileiro e Indígenas – Guarabira	Instituição: Universidade Estadual da Paraíba	
Coletivo Angela Davis - Grupo de Pesquisa em Gênero, Raça e Subalternidade	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Campus Cachoeira	
NEAB	Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB Campus de Liberdade	
Laboratório de Estudos e Pesquisas em Afro brasilidades, Gênero e Família – NUAFRO	Universidade Estadual do Ceará	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Universidade Federal de Sergipe	
Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas	Instituto Federal de Educação Ciência Tecnologia do Sertão Pernambucano - Campus Salgueiro	
NEABI IF Baiano Campus Valença	Instituto Federal Baiano Campus Valença	
NEABI IF Baiano - Campus Guanambi	IF Baiano Campus Guanambi	
NEABI IF Baiano - Campus Itapetinga	IF Baiano Campus Itapetinga	
EtniCidades grupo de estudos étnicos e raciais em arquitetura e urbanismo	Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará	
Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais – LabERER	Universidade Federal de Pernambuco	
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS AFRO – NEPA	UESPI - Universidade Estadual do Piauí	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena	Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus XVIII	
Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Ceará Campus – Juazeiro do Norte	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI)	Instituto Federal do Ceará - IFCE Campus Jaguaribe	
AFROUNEB - Núcleo Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	IFPI - Instituto Federal do Piauí - Campus Cocal	
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN	
NEABI-CAMPUS FORTALEZA	Instituto Federal Ceará Campus Fortaleza	
NEGRA - Núcleo de Estudos sobre Educação, Gênero, Raça e Alteridade	Universidade do Estado de Mato Grosso	Centro Oeste=20
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Universidade Federal da Grande Dourados	
NEADI - Núcleo de Estudos Afrodescendente e Indígena	Universidade Federal de Goiás	
NEAAD - Núcleo de Estudos Africanos e Afro-Diaspóricos	Universidade Estadual de Goiás – UEG	
NEGRA - Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Africanidades	Instituto Federal de Goiás – IFG	
NUMDI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígena e de Fronteira Maria Dimpina Lobo Duarte	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT/Campus Fronteira Oeste/Pontes e Lacerda	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Instituto Federal Goiano – IFGoiano	
GEPHERG - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero	Universidade de Brasília – UnB	
CIATA-Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão LPEQI	Universidade Federal de Goiás	
PROAFRO - Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros do Programa de Estudos Africanos e Afro-brasileiros	Pontifícia Universidade Católica de Goiás	
CEPEGRE - Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Gênero, Raça e Etnia	Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – UNB	Universidade de Brasília	
LaGENTE-Laboratório de estudos de gênero étnico-raciais e especialidades	Universidade Federal de Goiás	
Núcleo de Estudos Afro Brasileiro e Indígena e de relações de Gênero e Sexualidades (Neabi-Nuances)	Instituto Federal de Goiás - Campus Cidade de Goiás	

Núcleo de estudos e pesquisas sobre relações raciais e educação	Universidade Federal do Mato Grosso	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – IFGoiano	Instituto Federal Goiano – IFGoiano – Campus Posse	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Tocantins	Universidade Federal de Tocantins	
NUMDI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígena e de Fronteira Maria Dimpina Lobo Duarte	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT/REITORIA	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – NEAB	Universidade Federal de Uberlândia	
ONDJANGO - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro - FAETEC / Escola Técnica João Luiz do Nascimento	
NEABCP2 - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Colégio Pedro II	Colégio Pedro II	
NEAB/UFJF - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Juiz de Fora	Universidade Federal de Juiz de Fora	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto	
LEAFRO - Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas	UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca	
NEIAB - Núcleo de Estudos Indígena e Afro-brasileiro – UNAERP	Universidade de Ribeirão Preto	
NEABI - IF SUDESTE MG	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - IF Sudeste MG	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo	
Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira	Universidade Federal Fluminense	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros NEAB/UFES	Universidade Federal do Espírito Santo	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	
NEAB - Núcleo de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais	
Programa de Ações Afirmativas da UFMG	Universidade do Estado de Minas Gerais	
Programa Institucional de Ações Afirmativas UEMG	Universidade do Estado de Minas Gerais - Campus Ubá	
LICAFRO - Laboratório de Literaturas e Culturas Africanas e da Diáspora Negra	Universidade Federal Fluminense - Campus Gragoata	
NEABI-Cpar	Instituto Federal do Rio de Janeiro Campus Paracambi – IFRJ	
Nupe - Núcleo negro para pesquisa e extensão da Unesp - GT de Rio Preto	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus São Jose do Rio Preto	
Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-Americanos – PROAFRO	Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Campus Maracanã – UERJ	
NEAB NIEHLAFRO	Universidade do Estado de Minas Gerais - Campus Belo Horizonte	
NEAB/IFMG/OP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - Campus Ouro Preto – IFMG	
Neab Ufscar	Universidade Federal de São Carlos	
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - NEABI Campus Ituiutaba	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro - Campus Ituiutaba – IFTM	
Núcleo de Estudos Afro brasileiros e Indígenas do IFSP	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena do Campus Rio de Janeiro	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro	
NEABI Macaé	Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus Macaé e Instituto de Ciências da	

Sudeste=36

	Sociedade de Macaé/UFF	
Observatório da Diversidade	Instituto Federal de Minas Gerais - IFMG	
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - Universidade Federal Fluminense/Campus Rio das Ostras	Universidade Federal Fluminense	
NEABI Pontal	Universidade Federal de Uberlândia	
Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros	Universidade Federal do ABC	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros Ayó - NEAB-AYÓ	Escola Municipal Clementino Fraga	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Instituto Federal do Rio de Janeiro	
Núcleo de Estudos afro brasileiro e indígenas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri- Minas Gerais	
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) do Campus Colatina	Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Colatina	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas	Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC/Campus Gaspar	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC	
Núcleo de Relações Étnico Raciais, de Gênero e Sexualidade	Universidade Estadual de Ponta Grossa	
Grupo de Estudos Etno-Culturais	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste	
NEAA - Núcleo de Estudos Ameríndios e Africanos	Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Universidade Federal do Paraná	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Universidade Regional de Blumenau	
NEABI - Núcleo de Estudos em Cultura Afro-Brasileira e Indígena	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS	
NUVIC - Grupo de Estudos sobre Violências	Universidade Federal de Santa Catarina	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Universidade do Estado de Santa Catarina	
NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros	Universidade Federal do Pampa – Unipampa	
NEIA - Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-brasileiros	Universidade Estadual de Maringá	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas	Universidade Luterana do Brasil	
ALTERITAS: Diferença, Arte e Educação	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - Negro e Educação	Universidade do Planalto Catarinense	
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas FURG	Universidade Federal do Rio Grande	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS/ Campus Porto Alegre	
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul IFRS/ /Campus Sertão	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul IFRS	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS/Campus Bento Gonçalves	
NAAIA - Núcleo de Ações Afirmativas do IFRS Campus Alvorada	Instituição: Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS/Campus Alvorada	
NEABI - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS/Campus Canoas	
NEABI – Campus Feliz	Instituto Federal do Rio Grande do Sul	
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – UFFS Campus Chapecó	Universidade Federal da Fronteira do Sul	
NEAB: Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros UNIVILLE	Universidade da Região de Joinville	
NEAB	Universidade Federal do Pampa - Unipampa - Campus São Borja	
NEAB	Universidade Federal do Pampa - Unipampa - Campus Jaguarão	
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas – NEABI	Universidade Federal do Pampa - Unipampa - Campus Itaqui	
NEAB Estácio SC	Universidade Estácio de Sá - Santa Catarina	
NEALA: Núcleo de Estudos Afro Latino Americanos e Caribenhos	UNILA - Universidade Federal da Integração Latino Americana	
NEABI/UFFS-ERE	Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim	
Laboratório de Cultura e Estudos Afro-Brasileiros e Africanos – LEAFRO	Universidade Estadual de Londrina - Campus Londrina	

Sul=36

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UEL - NEAB/UEL	Universidade Estadual de Londrina - Campus Londrina	
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Instituto Federal do Paraná	1 Instituto Federal do Paraná	
Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da UNIPAMPA - NEABI MOCINHA	2 Universidade Federal do Pampa	

Fonte: retirado do site : <https://www.abpn.org.br/consorcio-de-neabs> e organizados pelos autores

Quadro 3. Museus Afro-Brasileiros

Museu	Cidade	Público ou privado	Região
Cafua das Mercês (Museu do Negro)	São Luís, MA	Público	Nordeste
Museu da Abolição	Recife-PE	Público	
Museu de Artes Afro-Brasil Rolando Toro	Recife, PE	Privado	
Museu Senzala Negro Liberto	Redenção, CE	Privado	
Museu Afro-brasileiro de Sergipe	Laranjeiras, SE	Público	
Museu Casa do Benin	Salvado-BA	Público	
Museu Último Quilombo	Boa Vista do Tupim, BA	Público	
Museu Afro Cultural Oyá Ní	Alagoinhas, BA	Privado	
Memorial Lajoumim - Terreiro Pilão de Prata	Salvador, BA	Privado	
Museu Digital da Memória Afro-Brasileira e Africana (Virtual)	Salvador, BA	Público	
Museu Ilê Ohun Lailai	Salvador, BA	Privado	
Museu Comunitário Mãe Mirinha de Portão	Lauro de Freitas, BA	Privado	
Memorial Kisimbê - Águas do Saber	Salvador, BA	Privado	
Museu Nacional da Cultura Afro-brasileira	Salvador, BA	Público	
Museu Afro Omon Ajagunan	Lauro de Freitas, BA	Privado	
Memorial Mãe Menininha do Gantois/Associação de São Jorge Ebé Oxossi	Salvador, BA	Privado	
Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia	Salvador, BA	Público	
Parque Memorial Quilombo dos Palmares	União dos Palmares, AL	Público	Sudeste
Museu Capixaba do Negro "Verônica da Pas" – Mucane	Vitória, ES	Público	
Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos	Belo Horizonte, MG	Privado	
Museu do Escravo (Belo Vale)	Belo Vale, MG	Público	
Centro de Referência da Cultura Negra	Araxá, MG	Público	
Instituto de Pesquisas Afro Cultural Odé Gbomi	Nova Iguaçu, RJ	Privado	
Museu de Favela	Rio de Janeiro, RJ	Privado	
Memorial Afro-Valenciano Padre João José da Rocha	Valença, RJ	Privado	
Museu do Negro	Rio de Janeiro, RJ	Privado	
Museu do Escravo	Barra do Pirai, RJ	Privado	
Museu Afro Brasil	São Paulo-SP	Público	
Museu do Negro de Campinas	Campinas, SP	Privado	
Museu da Cultura Africana e Negritude Brasileira	Amparo, SP	Privado	
Òsun Iya Oke Ile Afro-Brasileiro Ode Lorecy	Embu das Artes, SP	Privado	
Casa da Cultura Afro-Brasileira - Memorial ao Escravizado	São Vicente, SP	Museu Público	
Casa da Cultura Quilombo	Quilombo, SC	Público	Sul
Casa dos Açores - Museu Etnográfico	Biguaçu, SC	Público	
Museu Treze de Maio	Santa Maria, RS	Privado	
Museu Paroquial Padre Osmar Possamai	São Marcos, RS	Privado	

Fonte: informações retiradas do site: <http://museus.cultura.gov.br/> e elaborado pelo autores

O mapeamento serviu para evidenciar a quantidade expressiva de unidades de informações que preservam a memória e história das populações de origem africana via coleções formadas por objetos e fontes bibliográficas que, por conseguinte, servem para construir novos conhecimentos. As unidades de informações privadas, as relacionadas aos terreiros de candomblé, são reconhecidas como patrimônio material e imaterial devido a relevância histórica e cultural.

Quando falamos de patrimônio, os aspectos materiais sempre aparecerão conexos com as questões imateriais (ALONSO, 2016). O físico e o simbólico se apresentam simultaneamente, o objeto só se torna patrimônio porque tem uma carga simbólica que lhe foi atribuída por uma pessoa, um grupo, uma sociedade.

A cultura material é fundamental para manter e reproduzir práticas africanas, sejam elas de sobrevivência, resistência, domésticas, religiosas, culturais; os objetos possuem uma utilidade e um simbolismo, fazem parte da identidade cultural afro-brasileira (ROSA, 2010).

Em um país com histórico de quase quatro séculos de escravidão e que tenta apagar ou minimizar os impactos dessa realidade para a população negra, se configura em um país estruturalmente racista. Conforme argumenta Mendes (2014, p. 2), historicamente é negado ao negro o papel de sujeito histórico, com a subsequente desvalorização de tudo que se vincula a essa população. É nesse sentido que a existência e disseminação dessas coleções é uma das maneiras de valorizar as heranças e reconhecer a importância e o protagonismo a partir do olhar da população de origem africana, de quem deixou registrado via material e objetos os acontecimentos histórico, cultural e social.

5 Conclusão

A proposta deste trabalho foi traçar um panorama da história do colecionismo, sua relação com a memória social de diversos povos, em especial dos afro-brasileiros, refletindo sobre o porquê das coleções existirem no mundo e ainda como elas podem contribuir para o desenvolvimento social, cultural e educacional, conforme prevê a Lei Federal 10.639/03². A simples existência de coleções pode nos dizer muita coisa, cultural e historicamente falando. Porém, somente o planejamento estratégico e integrado entre diferentes instituições, públicas e privadas, para disponibilização, preservação, disseminação e uso dessas coleções é que pode trazer contributos para a sociedade.

As coleções, enquanto fontes de informações, signos materiais da memória - quando

² Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências (BRASIL, 2003)

vinculadas à explicações sobre o contexto histórico, social, político, econômico no qual foram formadas, ou do qual advém seus objetos, representam oportunidades de aprendizado e reconhecimento dos povos historicamente marginalizado. Entender que essas coleções podem e devem ser utilizadas como um dos recursos para combater o preconceito, o racismo e a intolerância, que se encontram embasadas na ignorância e na distorção de fatos.

As coleções (ou algumas delas) podem ser um patrimônio, podem ser mantidas como uma forma de manter o passado vivo em nossas memórias, para que possamos aprender com ele. A transmissão da história e significados atrelados aos objetos e demais documentos de uma coleção é, em tais casos, mais importantes do que a própria existência da coleção.

A UNESCO, através do ICOM (Conselho Internacional de Museus - em inglês: International Council of Museums) orienta que a preservação precisa estar aliada à iniciativas de uso e educação através dessas coleções. Portanto, a simples existência dessas coleções não basta, isso se constitui apenas o primeiro passo. É imprescindível que essas coleções cheguem até a população, que sejam adotadas nas práticas de ensino, estejam integradas aos currículos básicos das escolas e universidades. Que o seu conhecimento e acesso não dependa apenas de iniciativas e interesses individuais, mas faça parte de políticas públicas.

Os estudos sobre o mapeamento das possíveis coleções (objetos e bibliografias) nas instituições públicas privadas, que totalizam 181, tais como Centros de Estudos Africanos, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Museus, não param por aqui, para as futuras pesquisas é importante selecionar um museu privado para identificação dos objetos, reconstituição de sua origem e os significados tanto para o museu quanto para a comunidade ao seu redor.

Referências

ANTONACCI, M. A. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: Educ, 2015.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

AZEVEDO, R. L. T. **O “Espaço Cassiano Nunes” e o desenvolvimento de coleções da Biblioteca Central da Universidade de Brasília: a aplicação da política de seleção ao colecionismo**. Monografia (Graduação em Biblioteconomia). Brasília: UNB, 2015.

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BERNARDINO-COSTA, J.; SANTOS, S. A.; SILVÉRIO, V. R. Relações raciais em perspectiva. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 215-222, jul./dez. 2009.

BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro). **Para uma História do Negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. 65 p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1104317/icon1104317.pdf Acesso em: 5 set. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, SEPPPIR, SECAD, INEP, 2004.

BUENO, F. da S. **Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Brasília, 1974.

CAMPOS, A. C. B. *et al.* Narrativas e Contos Africanos: o resgate da tradição oral a partir das narrativas dos Griots. In: GERLIN, M. N. M. (Org.). **Competência em Informação e narrativa numa sociedade conectada por redes**. v. 2. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, 2018. p. 222-237.

CARDOSO, P. de J. F.; RASCHE, K. L. Lei Federal 10.639/03, discussão de conceitos: multiculturalismo, diversidade, ações afirmativas, racismo, preconceito, afrodescendente, negro, entre outros. In: CARDOSO, P. de J. F.; RASCHE, K. L. (Org.). **Formação de professores: promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana**. Florianópolis: DIOESC, 2014.

DOMINGUES, P. J. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**, São Paulo, v. 24-25-26, p. 193-210, 2009.

DOMINGUES, P. J. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latino-americanos**, Aarhus, n. 10, p. 116-131, 2005.

FARINA, M. C.; TOLEDO, G. L.; CORRÊA, G. B. F. Colecionismo: uma perspectiva abrangente sobre o comportamento do consumidor. In: SEMEAD - Seminários em Administração FEA-USP, 9, São Paulo, 2006. **Anais...** 2006. São Paulo, 2006.

FELIPE, D. A.; TERUYA, T. K. Ensino da História e Cultura Africana em salas de aula brasileira. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE. Maringá, 23 e 28 de abril de 2010. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010.

FONSECA, P. Considerações de um colecionador. **Episteme**, Porto Alegre, v. 1, n. 20, suplemento especial, p. 181- 184, jan./jun. 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1973.

HOMULOS, P. Museums to libraries: a family of collecting institutions. **Art Libraries Journal**, v. 15, n. 1, p. 11-13, 1990.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MENDES, C. J. O colecionismo de objetos africanos e afrodescendentes no atlântico português – 1822-1960. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4, 2014, Jataí. **Anais...** Universidade Federal de Goiás, 2014.

MENEGAT, R. A epistemologia e o espírito do colecionismo. **Episteme**. Porto Alegre, n. 20, p. 5-12, jan./jun., 2005.

MUNANGA, K. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. [Artigo *on-line*]. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB-RJ, 3., Rio de Janeiro: Palestra proferida em 5 nov. 2003, p. 1-17, 2003.

MORTARI, C.; VIEIRA, F. A. O Brasil dos séculos XVI a XIX: populações de origem africana, cativo, identidades, solidariedades, religiosidade e resistências. In: CARDOSO, P. de J. F.; RASCHE, K. L. (Org.). **Formação de professores: promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana**. Florianópolis: DIOESC, 2014.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

OGBECHIE, S. O. O Museu Africano Pós-Colonial na Era da Informática Cultural. **biblioteca.pinacoteca**, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/publicacoes/index.php/sim/article/view/71> Acesso em: 12 nov. 2019.

OLIVEIRA, D. F. H.; HOLANDA, A. F.; MACIEL, Josemar de Campos. Coleções e colecionadores: compreendendo o significado de colecionar. **Revista NUFEN**, Belém, v. 8, n. 1, p. 31-54, 2016.

PEDRÃO, G. B.; BIZELLO, M. L. As coleções como patrimônio: um meio para a preservação da história e da memória. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6, Londrina, **Anais...** Londrina, 2016. p. 829-840.

POMIAN, K. Coleção. In: GIL, F. (Org.). **Enciclopédia Einaudi. Volume 1 Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

RENAULT, L. V. **O ato colecionador**. (Dissertação de Doutorado), UFMG, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-9ZLPDN>

ROSA, E. J. Identidade Afro-brasileira: Um diálogo entre Memória e Cultura material. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 59-71, ago./nov., 2010.

SERRANO, C.; WALDMAN, M. **Memória d'África**: A temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, F. A. do N. da. **Africanidade e valorização da cultura negra na formação da cultura brasileira**. 2013. 55 f. Monografia (Especialização em Histórias e Culturas Afro-Brasileira, Indígena e Africana) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, CE, 2014.

VALIS, N. El coleccionismo: el rescate de las cosas y lo humano. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 559-568, out./dez., 2013.